

ELIEL BARBERINO

A MISTERIOSA LIVRARIA YOKAI





**A MISTERIOSA
LIVRARIA
YOKAI**



不思議な妖怪書店

ELIEL BARBERINO

**A MISTERIOSA
LIVRARIA
YOKAI**

Aos meus sobrinhos, Lucas e Alana.

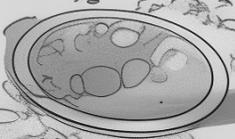
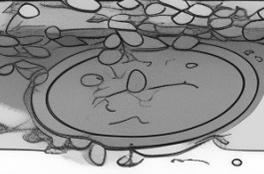




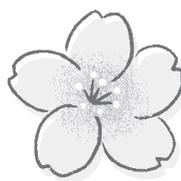
寓 味考水冲と寢

宋 宋 太 幼 台 儿

ヤスールハ
扇 古 口 達



1



O CHEIRO DE PAPEL ANTIGO E INCENSO PAIRAVA

no ar enquanto ele girava a chave enferrujada na fechadura da antiga livraria. A porta se moveu com certa dificuldade, pois havia permanecido fechada nos últimos nove meses. Ele a abriu lentamente, e um grunhido agudo se espalhou pelo ambiente. O lugar estava escuro, com um aroma de mofo que denunciava uma infiltração em alguma das paredes escondidas atrás de pilhas e pilhas de livros de todos os tamanhos.

Hiro Sato cerrava os olhos, tentando enxergar em meio àquela escuridão. Ligou a lanterna do celular, e por um breve momento pensou ter visto um vulto se esconder às pressas atrás de uma pilha de livros. “Uma assombração”, pensou o rapaz. Afinal, um ambiente abandonado assim por tanto tempo costuma desenvolver naturalmente suas próprias histórias de fantasmas. No Japão existe uma lenda de que objetos com mais de cem anos de idade passam a ser animados por espíritos. Mas seu ceticismo o fez criar

hipóteses ainda mais assustadoras: ratos. Ele preferia os fantasmas, obviamente.

O jovem de vinte e dois anos procurou o interruptor para tentar enxergar melhor naquele breu. Tateou a parede com receio de tocar em algum inseto. A tinta na parede já descascava e soltava com facilidade, desmanchando-se entre seus dedos ao toque. Enfim, encontrou o interruptor. Apertou-o, e uma luz fraca amarelada invadiu timidamente a loja, tornando nítida a bagunça que antes era visível apenas em silhuetas escuras e amorfas, que seu cérebro ordenava automaticamente na forma de ogros e outras criaturas assustadoras.

A paisagem não era nada convidativa. Hiro respirou fundo, reavaliando a situação. Talvez não tivesse sido uma boa ideia aceitar a herança deixada por seu velho avô. Talvez não tivesse sido a melhor das ideias trocar sua vida no interior do Japão por cuidar de uma velha livraria na capital. Por um milésimo de segundo decidiu dar meia-volta, trancar a porta da loja e voltar para sua cidade natal. Mas a ideia logo se dissipou de sua mente. Primeiro daria uma chance, mesmo que fossem apenas alguns dias.

Akira Sato, seu avô, fora um homem solitário, que após a perda da esposa, ainda bem novo, nunca mais tornara a se casar e passara a dedicar toda sua vida à modesta livraria. Era visto pela família como um velho excêntrico e de hábitos nada convencionais. Vivia entre os livros e parecia não se preocupar muito com a aparência. Hiro lembrava-se de visitar o avô com frequência até os doze anos de idade, mas que, após isso, as visitas haviam ficado cada vez mais raras. Naturalmente, o contato e as ideias que tinha a respeito do velho foram ficando mais vagas, e o limiar entre o homem real e o velho excêntrico já não era muito claro em sua mente.

Hiro havia crescido e passado a vida inteira no interior do país, em Kawaguchiko, uma cidade encantadora localizada na província de Yamanashi, famosa por sua proximidade com o Monte Fuji. A notícia de que tinha herdado uma velha livraria em Tóquio o pegou de surpresa. O avô deixara no testamento seus bens distribuídos aos quatro netos, e Hiro se sentiu levemente desfavorecido quando descobriu que tudo o que havia recebido fora o pequeno estabelecimento, a que a família dava pouco valor. “É só um lugar escondido cheio de livros velhos”, sua mãe dizia.

Ela tentou persuadi-lo de que não seria uma boa ideia aceitar a herança. Afinal, o lugar acumulava dívidas e ficava num ponto bem escondido da capital, bem no centro de um beco estreito e labiríntico, os famosos yokocho da cidade, conhecidos por suas vielas cheias de bares e restaurantes aconchegantes. A maioria das pessoas que passavam por aqueles lugares eram japoneses apressados e turistas em busca de um lugar para comer. Quais seriam as chances de uma livraria vingar num lugar desses?

Mudar para Tóquio, todavia, não foi uma decisão difícil, pois o jovem planejava seguir a carreira de designer de games, pois havia recém se formado na área. A livraria seria útil a ele apenas como uma desculpa para se mudar para a capital, onde suas chances no mercado de trabalho seriam maiores. Afinal, era em Tóquio que as maiores empresas do ramo, em nível mundial, estavam instaladas. Sua estada na livraria seria provisória, ele pensava. Talvez a livraria pudesse se tornar seu escritório de trabalho. Sentiu-se culpado ao imaginar que precisaria se desfazer dos livros que seu avô tanto amava para isso. Mas a ideia de doar as obras tornou a tarefa mais aceitável.

Hiro não teve dificuldades de encontrar o prédio. Embora os anos tivessem passado, o lugar ainda era do mesmo jeito como se lembrava em suas memórias. Uma ruela estreita, tomada por exaustores, caixotes de madeira, galões de metal, plantas, placas de neon e lanternas orientais feitas de papel vermelho com enormes kanjis impressos, que à noite davam um charme único ao local. O lugar parecia ter parado no tempo.

A livraria ficava num prédio pequeno, o qual Hiro preferia ver como aconchegante. Mesmo em meio à bagunça de livros espalhados por todo canto, o rapaz conseguia ver um balcão de madeira nos fundos e uma escada que levava a um quarto com banheiro e uma minicozinha no segundo andar. Havia também uma porta de correr que dava para um ambiente externo, um jardim que ficava espremido entre a livraria e um enorme e moderno prédio comercial nos fundos. Era um pequeno pedaço de natureza esquecida em meio aos monólitos de concreto que se erguiam do chão em direção ao céu de Tóquio.

Hiro ficou parado por alguns minutos na entrada do estabelecimento, com as mãos na cintura, enquanto observava o caos a sua frente. Aquilo precisava de uma faxina profissional, mas ele não dispunha de dinheiro para contratar alguém para esse serviço. Precisava economizar o pouco dinheiro que tinha até conseguir pensar em alguma maneira de fazer aquilo lhe render alguns ienes.

Ser dono de uma livraria era uma ideia que nunca lhe passara pela cabeça. Embora gostasse de livros, via aquilo apenas como um hobby. Gostava bastante dos livros dos Murakamis, tanto Ryo quanto Haruki. Até aquela idade já havia lido uma quantidade

razoável de obras, entre elas os clássicos que era obrigado a ler na escola, como o *Livro do Travesseiro* e textos clássicos como o *Genji Monogatari*, e até o enfadonho *Nihon Shoki* – uma compilação de textos históricos e mitológicos sobre a fundação do país. Mas ainda assim Hiro preferia os mangás, como todo jovem japonês, e por isso torcia para encontrar alguma obra rara no meio de tanto papel amarelado e traças.

Era difícil caminhar por aquele ambiente, pois um passo em falso o faria tropeçar numa pilha de livros e ser soterrado por uma avalanche de caixas cheias de volumes pesados, com capas duras e muita poeira. Aquilo realmente o faria aparecer em algum dos sites que ele costumava visitar quando mais novo, que catalogava mortes estúpidas mundo afora. Se não morresse daquela maneira, alguma alergia muito em breve acabaria com ele, disso ele tinha certeza.

Hiro atravessou a livraria e subiu as escadas até o cômodo superior para guardar suas coisas. Havia trazido consigo apenas uma mala com roupas e objetos pessoais. O quartinho, embora mobiliado, não estava em condições habitáveis. O lugar estava tão degradado quanto o primeiro piso. Seu avô havia adoecido e se afastara da velha livraria por muito tempo, deixando o local completamente entregue à entropia da natureza.

A família de Hiro tentara convencer o avô a vender o estabelecimento, mas ele se recusou veementemente e chegou a repreender os filhos por tentarem persuadi-lo de algo tão estúpido. Todo japonês sabe do poder da palavra de um patriarca, e como suas ordens têm o imperativo de não serem contestadas. A palavra dele era a final, e pronto.

O rapaz tinha um longo e árduo trabalho pela frente. Separar, catalogar, limpar e organizar toda aquela zona não seria uma tarefa das mais fáceis. Era a primeira vez que ele moraria sozinho. Ter um pequeno cômodo só para si era uma sensação maravilhosa, mesmo em meio a todo aquele caos. A partir de então, ele não precisaria mais dividir a casa com seu irmão mais novo; finalmente teria um lugar só seu... pelo menos era o que ele acreditava.



2



LEVOU CERCA DE DUAS SEMANAS PARA QUE HIRO

conseguisse colocar tudo em ordem, ou em algo que se assemelhasse a uma ideia de ordenação. Não sabia se havia colocado os livros na estante correta ou se os temas estavam devidamente bem distribuídos pela loja. Vez ou outra pesquisava na Amazon o título de algum livro, tentando encontrar alguma ideia de em qual seção colocar a obra. Alguns títulos eram confusos, com palavras que davam margem para uma interpretação equivocada, e provavelmente havia muitas obras em prateleiras erradas. Mas, pelo menos, os livros não estavam mais espalhados pelo chão e a loja já ganhava a cara de uma livraria de verdade. Já havia um espaço por onde Hiro pudesse caminhar com segurança e receber os clientes.

Com tudo limpo e organizado, o ambiente era até agradável. As prateleiras tomavam todas as paredes, e no canto da loja ficava o balcão antigo. O chão estava um pouco desgastado, mas era de uma madeira bonita, ipê carbonizado, impermeabilizado com óleo

de cedro. Um pouco de cera ali e o piso ficaria impecável. A mesa no centro da loja já era visível. Ali, o rapaz planejava colocar as obras em destaque, as novidades do mercado literário. Entre os momentos de organização, Hiro colocava no notebook vídeos que lhe davam uma pequena noção de como gerenciar uma livraria. Não parecia tão complicado: precisava gerir o estoque, estar por dentro das novidades e se atentar às contas.

Mexendo na papelada que encontrou na gaveta do balcão, descobriu que o lugar tinha as contas relativamente em dia. Seu avô, mesmo de cama, conseguiu manter a organização financeira do lugar. Isso deu ao jovem um alívio financeiro inicial. Havia se preparado para recorrer às suas economias para dar conta desses gastos iniciais, mas agora se via livre em parte.

Enquanto estivesse na loja, o rapaz planejava se candidatar a vagas que encontrasse em sua área, e até mesmo pequenos serviços de freelancer que o ajudassem a ganhar uma renda extra. Não cansou de repetir para si mesmo, durante os primeiros dias, que a livraria era apenas uma fase. Com um alívio nas contas iniciais, Hiro pensou em dar uma cara mais moderna à livraria. Naquele mesmo dia iria comprar plantas e objetos de decoração para tentar dar ao lugar um toque mais pessoal e aconchegante. Pensava também em implementar uma cafeteria na tentativa de atrair mais visitantes. Afinal, café e livros são uma perfeita combinação; todo mundo sabe disso.

No dia seguinte tudo já estava organizado, e a livraria, pronta para receber os primeiros clientes. Ele preparou um café para que o aroma da bebida desse ao lugar um ar mais agradável, colocou uma

playlist de música ambiente no notebook e ali ficou parado atrás do balcão olhando para a rua pela vitrine, que estava organizada com os melhores livros que ele conseguiu encontrar no lugar. A primeira meia hora passou, porém, nenhuma alma viva pisou na livraria, embora naquele horário a ruela fosse bastante movimentada.

Foi quando percebeu, do lado de fora, uma figura com o rosto colado na vidraça, com as palmas da mão e o rosto espremidos contra o vidro, tentando enxergar dentro do ambiente. Hiro encarou com curiosidade a cena e, com o dedo, indicou a porta de entrada da livraria. O rapaz que espiava para dentro da loja sorriu e disse algo que o atendente não compreendeu, mas apontou para a entrada. Foi então que Hiro percebeu que a placa na porta continuava virada do lado em que estava escrito “fechado” e que, em nenhum momento, havia se lembrado de desvirá-la para anunciar que a livraria já estava aberta.

Ao abrir a porta, Hiro se sentiu um idiota e imediatamente corrigiu o equívoco. Encarou o rapaz que sorria para ele.

— Finalmente está aberta? — perguntou o jovem.

— Bem, eu acho que sim — respondeu Hiro, pouco confiante.

— Há muito tempo venho esperando a livraria abrir.

— Há muito tempo? — questionou Hiro.

— Sim. Desde que me mudei para Tóquio, eu passo por aqui todos os dias em direção à estação de Ikebukuro, onde pego o metrô para o trabalho. Uma única vez eu vi a livraria aberta e deixei para conhecer no dia seguinte. Mas não sei o que houve, porque longos meses se passaram e o estabelecimento nunca mais abriu. Esses dias, eu venho notando um movimento incomum dentro da loja. Parece que foi reformada, né?

Hiro ouvia aquilo atentamente, e ficou tocado com a história. Não havia parado para pensar que aquela loja pudesse ser importante para outras pessoas além de seu avô.

— Eu só dei uma organizada no lugar. Ela realmente ficou fechada por alguns meses. Pertencia a meu finado avô, e agora eu que estou no comando dela. — Aquilo soou de maneira imponente, pois Hiro se deu conta de que era responsável por algo que, de alguma maneira, parecia importante para alguém.

— Eu posso entrar? — perguntou o jovem, que parecia ser um estrangeiro. Ele tinha a pele negra, não retinta, cabelos crespos cortados bem baixo dos lados e alto em cima. Usava óculos arredondados e tinha um bigode tão discreto que mal podia ser visto. Vestia uma camisa branca social, e uma bolsa pendia do lado com sua alça transversal cruzando o peito do rapaz, que estava bem marcado na camisa apertada.

Hiro entrou e deixou a porta aberta. Não sabia como atender seu primeiro cliente, estava inseguro e não conhecia quase nenhum livro das prateleiras. Suas mãos suavam. Pensou em se desculpar antecipadamente por isso, pois sabia que não poderia fornecer ao cliente um atendimento à altura do que seu avô daria. Mas o homem era obviamente um estrangeiro; talvez não ligasse para o rigor japonês e até aceitasse o atendimento medíocre que Hiro lhe fornecia. De qualquer maneira, o notebook estava ligado sobre o balcão, e uma simples consulta na internet o socorreria caso fosse necessário.

— De onde você é? — perguntou Hiro.

— Brasil — respondeu o cliente, que olhava curioso para as prateleiras. Havia luzinhas de led, que Hiro passara por cima delas, dando um ar chamativo para o ambiente.

— Você fala muito bem nossa língua.

— Obrigado — respondeu o cliente com uma mesura e um sorriso surpreso. — Embora eu more nesta região há menos de um ano, já estou no país há algum tempo. Vim a trabalho. Na verdade, gosto muito da cultura de vocês. Talvez isso tenha um peso maior do que o próprio trabalho em minha decisão. Mas acredito que vocês já devam estar de saco cheio de ouvir os estrangeiros falando o quanto amam animes, histórias de samurais e a organização do país o tempo todo.

— Que nada. Para falar a verdade, eu nunca tive muito contato com pessoas de outros países. De vez em quando eu via algum turista estrangeiro passando por minha cidade, pois ela fica perto do Monte Fuji.

— Eu sonho em conhecer o Fuji. Parece um lugar mágico.

— É só uma montanha grande. Muito bonita, mas talvez eu já tenha me acostumado tanto com ela que tenha se tornado para mim apenas um detalhe na paisagem.

— Na verdade, ela é um vulcão — disse o estrangeiro de supetão, com um sorriso como se estivesse comunicando a Hiro algum segredo hermético, mas logo sua feição mudou. — Me desculpe, isso provavelmente é uma informação óbvia para vocês.

Ambos riram timidamente. Hiro foi para o balcão, esperando estar agindo como deveria, e deixou o jovem brasileiro à vontade. O rapaz olhava com curiosidade os livros, folheava alguns e depois os colocava de volta no lugar.

— Não tenho muito tempo hoje, pois estou a caminho do trabalho — disse o cliente, fazendo com que Hiro tirasse os olhos do notebook e voltasse sua atenção a ele. Era um rapaz bem sociável,

e isso soava interessante aos olhos de Hiro, tão acostumado com o tato social mais reservado dos japoneses. — Outro dia passo aqui com mais calma. Fico feliz em saber que a loja está funcionando novamente. É sempre bom ter uma livraria por perto.

“Você mora por aqui?” foi o que Hiro teve vontade de perguntar, mas ele guardou a dúvida para si, pois não achou apropriado, poderia soar um tanto invasivo; e apenas consentiu com a cabeça enquanto o jovem de óculos e roupa social deixava a loja para trás com um aceno de mão e um sorriso lindo estampado em seu rosto.

Hiro sorriu imediatamente de volta para ele. A porta da loja se fechou, fazendo um pequeno sino preso a ela vibrar. O moço então pegou sua bolsa, pois se lembrou de que estava de saída para comprar coisas para a loja, até que uma mulher de cabelos rosa, vestindo um quimono e uma assustadora máscara de hannya, típica do teatro Noh, entrou pela porta e se dirigiu até o balcão. Hiro ficou assustado ao ver que a mulher o ignorou e se dirigiu até uma porta que levava ao jardim nos fundos da loja.

— Com licença, posso ajudar? — perguntou Hiro, incrédulo.

A mulher paralisou assustada, com a mão já na maçaneta, e olhou para o jovem. A feição da máscara hannya era medonha, com um sorriso largo e enigmático, olhos esbugalhados e tristes, além de um par de pequenos chifres. A cena causou calafrios em Hiro. Com uma voz fina e delicada, a mulher balbuciou:

— Co-como assim você pode me ver?

**ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA
INFORMAÇÕES DE TODOS OS LANÇAMENTOS**

www.faroeditorial.com.br



CAMPANHA



Há um grande número de pessoas vivendo com HIV e hepatites virais que não se trata.

Gratuito e sigiloso, fazer o teste de HIV e hepatite é mais rápido do que ler um livro.

FAÇA O TESTE. NÃO FIQUE NA DÚVIDA!



**ESTA OBRA FOI IMPRESSA
EM SETEMBRO DE 2024**